

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Waczesław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

* * *

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeyre: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Przemysław Dębowski
Uniwersytet Jagielloński

As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal

Resumo:

O artigo pretende apresentar uma imagem colorida de Portugal continental, baseada em 62 nomes de lugares habitados em que se encontra referência a uma cor, achados no território português. Os topónimos estudados, recolhidos maioritariamente dos índices de duas fontes cartográficas, são analisados do ponto de vista etimológico-semântico (divisão segundo cor) e formal (classificação em três grupos: nomes de cor simples, derivados de nomes de cor e nomes compostos). As considerações finais contêm conclusões tiradas da análise, acompanhadas de um mapa provisório que ilustra alguns dos fenómenos apontados.

Palavras-chave: toponímia, cores, localidades habitadas, Portugal.

Abstract:

The colours in the names of the inhabited places in Portugal

The paper intends to present a colourful image of continental Portugal, based on 62 inhabited place names found on the Portuguese territory in which exists a reference to any colour. The studied toponymes, collected in their majority from indexes of two cartographic sources, are analysed from etymological-semantic and formal point of view (corresponding, respectively,

to division according to colour and classification in three groups: simple colour names, derivatives from colour names and composed names). The final considerations contain conclusions resulting from the analysis, accompanied by a provisory map illustrating some of indicated phenomena.

Keywords: toponymy, colours, inhabited places, Portugal.

1. Introdução

O objectivo que nos propusemos alcançar neste artigo é apresentar uma imagem colorida de Portugal continental, baseada nos nomes de localidades portuguesas em que encontrámos referência a uma cor¹. Os topónimos respectivos foram recolhidos maioritariamente dos índices de um atlas rodoviário da Europa e de um mapa da Península Ibérica, tendo sido a lista depois completada a partir de outros estudos consultados durante a análise. A metodologia desta última, aplicada no presente trabalho, não difere muito da que elaborámos no decorrer da composição da nossa tese de mestrado que tratou de um assunto semelhante².

Assim, os topónimos estudados regroupam-se em primeiro lugar em função da cor a que aludem. Uma vez classificado, cada nome é situado geograficamente no território português com a indicação, entre parênteses, do concelho ao qual pertence e, caso não tenha significação transparente, é submetido a uma análise etimológico-semântica concisa³. Segue depois uma divisão dos topónimos do ponto

¹ Não se incluíram os topónimos em que esta referência é claramente indirecta ou ambígua, tais como p.ex. *São Pedro de Alva*, *Vila Cova de Alva*, *Figueiredo de Alva*, *Santa Comba de Rossas* etc. Do mesmo modo, não se mencionam os nomes a que poderíamos chamar “cromo-topónimos aparentes”, cuja ligação etimológica a uma cor, sugerida pela sua forma contemporânea (p.ex. *Amareleja*), não se confirmou.

² Todas as fontes a que nos referimos se encontram na Bibliografia.

³ Permitimo-nos empregar o termo de “análise semântica”, embora uma das principais características dos nomes próprios seja a falta de sentido denotativo (cf. Jonasson, 1994: 13): de facto, este existe na maioria dos casos logo

de vista formal, no âmbito da qual delimitámos três grupos: nomes de cor simples, derivados de nomes de cor e nomes compostos. As conclusões vão junto com um mapa provisório que ilustra alguns dos fenómenos apontados.

2. Apresentação por cores

2.1. Verde (27 localidades)

O verde é bastante frequente na toponímia global. Os nomes que aludem a esta cor referem-se maioritariamente à paisagem e às diversas formas do relevo (montanhas, planícies, vales...), adquirindo às vezes o estatuto de nomes de países (*Cabo Verde*), regiões, cidades (pol. *Zielona Góra* ‘montanha verde’) e aldeias; raros são os hidrónimos que façam referência à cor verde. Porém, foi ela que revelou ser a melhor representada nos nomes de localidades de Portugal.

O adjetivo port. *verde* provém do lat. *vīrīde-*, palavra do mesmo sentido que se conservou em todas as línguas românicas: esp., it., rom. *verde*, cat. *verd*, fr. *vert* (DELP: 2158-2159, s.v. *verça*; DEHF: 806-807). Nos topónimos recolhidos não relevámos outros vocábulos que designem esta cor.

- *Castro Verde* (Castro Verde).
- *Cuide de Vila Verde* (Ponte da Barca).
- *Pena Verde* (Aguiar da Beira) onde *Pena* ‘rocha alta, penhasco’ ← lat. *pīnna-* ‘penha; ameia, pináculo’ (Piel, 1947: 168).
- *Vale Verde* (Almeida; Santiago do Cacém).
- *Valverde* (Aguiar da Beira; Alfândega da Fé; Cinfães; Évora; Fundão; Mirandela; Mogadouro; Santarém; Tondela) < *vale verde*.

no início do funcionamento de um antropónimo ou topónimo na língua e na consciência dos seus utilizadores, mas extingue-se rapidamente com o tempo. Portanto, consideramos que procurar a etimologia de um nome de pessoa ou de lugar significa descobrir o seu sentido primitivo (denotativo) que motivou a sua criação, ou seja, analisá-lo semanticamente.

- *Verdelha* (Vila Franca de Xira) ‘campo de erva destinado a pastagens’ ← lat. **viridella-* < *vīrīde-* (TMP: 126). É pouco provável que este nome tenha a ver com a espécie de pássaro chamada *verdelha* ou *verdelhão*.
- *Verdelha do Ruivo* (Vila Franca de Xira), v. *Verdelha*.
- *Verdelho* (Odemira) ← lat. **viridellu-*, v. *Verdelha*.
- *Verdelhos* (Covilhã), v. *Verdelho*.
- *Vila Verde* (Alijó; Felgueiras; Figueira da Foz; Mirandela; Vila Verde; Vinhais).
- *Vila Verde da Raia* (Chaves).
- *Vila Verde de Ficalho* (Serpa).
- *Vila Verde dos Francos* (Alenquer).

2.2. Branco (18 localidades)

O nome da cor branca aparece muito frequentemente, sob diversas formas, na toponímia em geral. As denominações formadas a partir dos adjetivos que significam ‘branco, claro, luminoso’ designam todos os tipos de lugares e formas da paisagem: mares (*Mar Branco*), lagos, rios (fr. *Eau Blanche* ‘água branca’, alem. *Weissach* ‘id.’), montanhas (*Monte Branco*), colinas, planícies, e além disso países (*Bielorrússia* ‘Rússia Branca’), cidades e pequenas localidades. Logo, os nomes de lugares habitados referentes a esta cor são também bastante numerosos em Portugal continental.

O adjetivo port. *branco* provém, através do lat. medieval *blancu-*, e provavelmente pelo lat. vulgar, do germ. *blank* ‘branco, claro, reluzente’⁴ – aliás, outras línguas românicas herdaram a mesma palavra: esp. *blanco*, cat., fr. *blanc*, it. *bianco* (DELP: 400; DEHF: 84). No entanto, nos topónimos recolhidos aparece também um outro vocábulo que designa a cor em questão e que vem do lat. *albu-* ‘branco’. Este adjetivo permaneceu na língua comum apenas em romeno (*alb*), mas

⁴ Esta última acepção ainda hoje transparece na expressão *arma branca* (cf. Said Ali, 1975: 24).

– tendo sofrido alterações semânticas – deixou várias pegadas em todas as línguas românicas⁵.

- *Água Branca* (Santarém).
- *Aqualva* (Sintra) < *água alva*.
- *Alva* (Castro Daire).
- *Arneiro Branco* (Sines).
- *Barca d'Alva* (Figueira de Castelo Rodrigo) onde *barca* seria uma continuação do sintagma pré-romano *ibar-ka* ou *ibar-ko* ‘vale’ (DTEG: 114, s.v. *Barca*)⁶ e *d'alva* significaria simplesmente ‘branca’.
- *Branca* (Coruche).
- *Casa Branca* (Montemor-o-Novo; Sousel).
- *Castelo Branco* (Castelo Branco).
- *Castelo de Penalva* (Penalva do Castelo) onde *Penalva* < *pena alva*, cf. *Pena Verde*.
- *Montalvão* (Nisa) < *monte alvão* ← lat. *monte-albanu-* (< *albu-*).
- *Montalvo* (Constância) < *monte alvo*.
- *Monte de Casa Branca* (Alcácer do Sal).
- *Penalva de Alva* (Oliveira do Hospital).
- *Penalva do Castelo* (Penalva do Castelo).
- *Praia da Areia Branca* (Lourinhã).
- *Relva Branca da Fóia* (Monchique).
- *Vila Alva* (Cuba).

2.3. Vermelho (10 localidades)

Pode-se encontrar o vermelho na toponímia, embora não seja tão vulgar como o branco ou o verde, o que se deve talvez à menor ocorrência dessa cor no meio ambiente. Contudo, aparece em hidrónimos

⁵ P.ex. port. *alva*, *alvor*, *alvorada*, esp. *alba*, *albor*, it. *alba*, fr. *aube*, todos com o mesmo sentido; port. *alvorar*, *alvorecer*.

⁶ Segundo Chaves (1958: 391) *barca* significa aqui simplesmente ‘um barco que serve para atravessar um rio em pontos determinados’, o que não nos parece uma explicação plausível.

(*Mar Vermelho*), nomes de países (*Eritreia*, cf. gr. *erythros* ‘vermelho’ (Graur, 1972: 31)) e regiões (deserto *Kyzyl Kum* – literalmente ‘areias vermelhas’ em uzebeque) e, provavelmente com maior frequência, em nomes de lugares habitados.

Dos adjectivos portugueses que designam a cor respectiva, nem *vermelho* (← lat. *vermīcŭlu-* ‘vermezinho’ (por causa da cochonilha da qual se extrai tinta escarlate) < *vermis* ‘verme’, cf. DELP: 2161, s.v. *verme*, DEHF: 805, s.v. *vermeil*) nem *encarnado* (literalmente ‘de cor de carne’) aparecem nos topónimos recolhidos. Ao invés, ocorrem vocábulos comuns a línguas românicas que apresentam várias nuances semânticas: lat. *rŭbĕu-* ‘vermelho, avermelhado’, que se conservou com o mesmo sentido em cat. *roig*, fr. *rouge*, e com sentido deslocado em port. *ruivo* e esp. *rubio* ‘loiro’ (DELP: 1917-1918; DEHF: 677; DE: 803), assim como lat. *rŭssu-* ‘vermelho escuro’, que deu por um lado it. *rosso* e rom. *roșu*, ambos significando ‘vermelho’, e por outro lado – fr. *roux* ‘ruivo’ (DEHF: 678; DELR: 670). Não encontrámos na toponímia portuguesa o lat. *rŭssĕu-* ‘vermelho escuro’ (provavelmente uma forma anterior ao *rŭssu-*) que permaneceu na Península Ibérica, divergindo na sua evolução semântica em duas direcções: port. *roxo* e esp. *rojo* ‘vermelho’ (DELP: 1915).

- *Alfambra* (Aljezur) ← ár. *al-ḥamrâ* ‘a (cidade) vermelha’ (Asín Palacios, 1944: 63; Machado, 1991: 37).
- *Alhandra* (Vila Franca de Xira), v. *Alfambra*.
- *Rossão* (Castro Daire), talvez da cor avermelhada do solo (TMP: 164).
- *Rossas* (Arouca; Vieira do Minho), v. *Rossão*.
- *Ruivães* (Vieira do Minho; Vila Nova de Famalicão).
- *Ruivos* (Ponte da Barca).
- *Vila Ruiva* (Cuba; Fornos de Algodres).

2.4. Preto (6 localidades)

O preto é uma cor que aparece com alta frequência na toponímia global, embora em Portugal tenhamos relevado apenas seis nomes de localidades que o mencionam. Ocorre principalmente em hidró-

nimos (*Mar Negro*, fr. *Eau Noire* ‘Água Negra’, rom. *Neagra Mare*, literalmente ‘Negra Grande’), orónimos (pol. *Czarna Góra* ‘Monte Negro’), nomes de países e regiões (alem. *Schwarzwald* ‘floresta negra’), tal como de cidades e pequenas localidades.

No âmbito dos nomes de lugares habitados em Portugal encontramos dois adjectivos portugueses: *preto*, que derivaria do lat. **prĕttu-* ‘sombrio’⁷ (forma popular do lat. clássico *prĕssu-*, participio passado do verbo *prĕmĕre* → port. *premer*, *premir* (DELP: 1724, s.v. *perto*); cf. esp. *prieto* ‘estreito, denso; muito escuro’), e *negro*, que continua o lat. *nĭgru-* (conservado com o mesmo sentido nas outras línguas românicas: esp. *negro*, cat. *negre*, fr. *noir*, it. *nero*, rom. *negru* (DEHF: 508)), se bem que hoje na língua comum esteja limitado a usos figurados, tendo sido substituído por *preto*. Deparamos também com um adjectivo latim cujos traços não guarda nenhum dos idiomas neolatinos: *ater* ‘negro’.

- *Andrino* (Leiria) ← lat. **adrina* ← (*pruna-*) **atrina-* ‘ameixa preta’ < *atra*, feminino de *ater* (TMP: 153). O nome deve-se talvez à presença de árvores de que nasce este fruto⁸.
- *Negreiros* (Barcelos), nome que se referiria à cor das terras locais (DTEG: 542-543, s.v. *Negreira*, *Neira de Jusá*).
- *Paço dos Negros* (Almeirim).
- *Pego Negro* (Porto) onde *Pego* ‘ponto mais fundo do mar, rio etc.; concavidade profunda cheia de água’ ← greco-lat. *pĕlĕgu-* ‘mar (alto)’ (Piel, 1948: 323).
- *Pretos* (Monção).
- *Terras Pretas* (Torres Novas).

2.5. Amarelo (1 localidade)

A cor amarela ocorre muito raramente na toponímia, tão-pouco sendo numerosamente representada nos nomes de lugar portugueses.

⁷ De onde viria também o advérbio port. *perto*.

⁸ É curioso que na região de Trás-os-Montes a palavra *andrino* significa ‘ameixa branca’ e o adjectivo *andrino* – ‘de cor negro-azulada’ (TMP: 153).

Aparece sobretudo em denominações de águas (*Mar Amarelo*, *Rio Amarelo*) e localidades (rom. *Galbenu* ‘amarelo’, pol. *Żółtańce* < *żółty* ‘amarelo’).

O adjetivo port. *amarelo*, bem como o seu homólogo esp. *amarillo*, deriva do lat. hispânico *amarĕllu-* ‘amarelado, pálido’ < lat. clássico *amāru-* ‘amargo’ (provavelmente através da associação da palidez das pessoas que padeciam de icterícia, doença causada por um transtorno na secreção da bilis ou humor amargo) (DCECH: 233; DELP: 181-182, s.v. *amargo*), e está representado no topónimo que relevámos neste grupo. Não encontramos nenhum dos correspondentes dos adjetivos que designam a cor em questão nas outras línguas românicas: cat. *groc* ← lat. *crōcu-* ‘(cor de) açafraão’ (DE: 472); fr. *jaune*, it. *giallo*, rom. *galben* ← lat. *gālbīnu-* ‘amarelado-verde’ (DEHF: 405; DELI: 492; DELR: 352).

Amarelhe (Baião), talvez por causa da cor da vegetação local (Piel, 1949: 244; TMP: 122).

3. Classificação formal

3.1. Nomes de cor simples, ou seja adjetivos de cor em função de topónimos (8): *Alfambra*, *Alhandra*, *Alva*, *Branca*, *Pretos*, *Rossas* (2), *Ruivos*.

3.2. Derivados de nomes de cor, ou seja topónimos formados a partir de adjetivos de cor com ajuda de sufixos (11): *Andrino*, *Amarelhe*, *Montalvão*, *Negreiros*, *Rossão*, *Ruivães* (2), *Verdelha*, *Verdelha do Ruivo*, *Verdelho*, *Verdelhos*.

3.3. Nomes compostos, ou seja grupos de tipo substantivo + adjetivo de cor (nalguns casos precedido da preposição *de*), escritos separada ou juntamente (43): *Água Branca*, *Agualva*, *Arneiro Branco*, *Barca d’Alva*, *Casa Branca* (2), *Castelo Branco*, *Castelo de Penalva*, *Castro Verde*, *Cuide de Vila Verde*, *Montalvo*, *Monte de Casa Branca*, *Paço dos Negros*, *Pego Negro*, *Pena Verde*, *Penalva de Alva*, *Penalva do Castelo*, *Praia da Areia Branca*, *Relva Branca da Fóia*, *Terras Pretas*, *Vale Verde* (2), *Valverde* (9), *Vila Alva*, *Vila Ruiva* (2),

Vila Verde (6), *Vila Verde da Raia*, *Vila Verde de Ficalho*, *Vila Verde dos Francos*.

4. Conclusões

Podem-se tirar algumas conclusões dos dados que recolhemos e acabámos de apresentar.

Primeiramente, saltam aos olhos as desproporções entre números de topónimos que representam cada cor. Constata-se que nos nomes de lugares habitados no território português o verde aparece mais frequentemente do que qualquer outra cor (27 por 62 nomes em total), sendo seguido pelo branco (18/62), enquanto que o preto e o amarelo estão apresentados apenas de seis e uma denominação, respectivamente. Estas relações revelam-se interessantes à luz do que observámos na lista de cromo-topónimos dos países românicos e romanizados, feita por nós aquando da preparação para a redacção da nossa tese de mestrado, na qual decididamente predominava a cor branca, o segundo lugar pertencendo aproximadamente *ex aequo* ao verde e preto. Por esse motivo, admira a abundância da cor verde e a quase ausência da cor preta na toponímia de Portugal.

Em seguida, observa-se que os nomes analisados se referem maioritariamente ora ao meio ambiente (*Valverde*, *Água Branca*, *Rossão*, *Amarelhe*), ora a construções humanas (*Castro Verde*, *Castelo Branco*, *Alfambra*). Aparentemente, para o homem estes dois fragmentos da realidade sempre constituíram pontos de referência muito mais importantes e estáveis do que p.ex. flora ou fauna. Até hoje se pode verificar se os topónimos que dizem respeito à natureza justamente indicam a proximidade de elementos da paisagem (cursos de água, montes, planícies, vales...) – a resposta será afirmativa em grande quantidade dos casos. Contudo, nem sempre é possível encontrar ou reconhecer os edifícios aos quais se referem certos nomes; eles tornam-se, assim, lembranças do antigo aspecto das localidades que designam.

Além disso, entre os 62 topónimos estudados existem analogias semânticas e formais, como p.ex. *Água Branca* – *Agualva* ou *Vila*

Verde – Vila Alva – Vila Ruiva (as últimas duas localidades encontram-se até no território do mesmo concelho). Repetem-se alguns sufixos: *-ão* tem a forma plural *-ães* (*Rossão – Ruivães*), e *-elho* aparece também no feminino e no plural (*Verdelho – Verdelha – Verdelhos*). Estas analogias têm correspondentes igualmente longe das fronteiras de Portugal⁹, o que prova que os nossos antepassados, onde quer que vivessem, percebiam o mundo de uma maneira semelhante e se serviam dos mesmos meios para o conceituar e descrever.

Quanto à forma, constata-se que predominam os nomes compostos (43/62) em que a ordem dos elementos é típica para as línguas românicas, ou seja, o adjectivo de cor nunca precede o substantivo.

Um dialectólogo observará que em Portugal, a norte prevalecem os topónimos formados a partir do lat. *albu-*, e a sul os derivados do germânico *blank* (cf. TMP: 23), assim como a cor vermelha está representada na toponímia por termos de origem latina nas regiões setentrionais, e por um vocábulo árabe no sul (v. mapa). Este estado de coisas deve-se, evidentemente, à longa dominação árabe nas terras ibéricas centrais e meridionais, onde os diferentes romances perderam a sua vitalidade e “pureza”, sucumbindo a numerosas influências do idioma do povo soberano, o que não aconteceu no norte linguisticamente mais conservador. Pelas mesmas razões, as formas do sufixo *-elho* e do substantivo *arneiro* (que ocorrem no sul) não apresentam o desenvolvimento fonético típico que teve lugar em galego-português, mas provam o intermédio moçárabe¹⁰. Estes dados, se bem que poucos por causa do número limitado das denominações recolhidas, estão directamente relacionados também com a história da língua.

⁹ P.ex. port. *Vila Alva* – it. *Biancavilla*; port. *Agualva* – fr. *Aigueblanche*; port. *Vale Verde* – fr. *Vauvert* – rom. *Valea Verde*; port. *Montalvão* – esp. *Montalbán* – it. *Montalbano* – fr. *Montauban*.

¹⁰ Em galego-português o lat. *-ellu-*, depois da simplificação da consoante geminada, resulta regularmente em *-elo*, e o lat. *arenariu-*, após a queda do *-n-* intervocálico, em *areeiro*. A influência moçárabe reflecte-se sobretudo na toponímia e nos dialectos da metade meridional de Portugal, cf. Barros Ferreira, 1992; TMP.

Enfim, saliente-se que os topónimos analisados escondem informações que não interessam exclusivamente aos linguistas. Se se atentar na sua disposição no mapa de Portugal¹¹ (v. abaixo), reparar-se-á, entre outros, que no norte as localidades se espalham com maior densidade do que no centro e sul, o que se explica pelo facto de as regiões portuguesas setentrionais sempre terem sido as mais povoadas no país. Nos mesmos terrenos concentram-se também as denominações com a cor verde, aparecendo apenas esporadicamente ao sul das Beiras, o que nos sugere o aspecto da paisagem portuguesa que, de facto, muda consideravelmente com a latitude.

Além de esboçar uma imagem colorida de Portugal, esperamos ter provado, pelo menos em certa medida, a utilidade e o interesse dos estudos toponomásticos.

¹¹ Para não ofuscar completamente a legibilidade do mapa, não marcámos nele os topónimos com a cor preta e amarela, sendo eles de menor importância para conclusões gerais devido ao número ínfimo que representam.



Mapa.

Cores na toponímia portuguesa:

- verde
- branco (lat. *albu-*)
- x branco (germ. *blank*)
- vermelho (ár. *al-ḥamrā*)
- ★ vermelho (raízes latinas)

Símbolos:

- ← = provém de
- < = deriva de

Bibliografia

Fontes dos exemplos

Europa. Atlas samochodowy, escala 1:800000, Copernicus. Aconselhado até 2011 [s.d.].

Hiszpania, Portugalia – mapa samochodowa, escala 1:1500000, Warszawa, Demart [s.d.].

Estudos, monografias, artigos

ALBAIGÈS, Josep M., (1996), *Enciclopedia de los nombres propios* (2ª edición), Barcelona, Planeta.

BARROS FERREIRA, Manuela, (1992), “Vestígios do romance moçárabico em Portugal”, *Arqueologia Medieval*, nº-1, Porto, p. 217-228.

CARDEIRA, Esperança, (2006), *O Essencial sobre a História do Português*, Lisboa, Caminho.

CHAVES, Luis, (1958), “La toponymie des eaux. Les eaux dans la toponymie portugaise”, em: Luis Cortés, Manuel García Blanco, Antonio Tovar (ed.), *Cinquième Congrès International de Toponymie et d’Anthroponymie – Actes et Mémoires*, vol. 1, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 383-397.

DAUZAT, Albert, (1928), *Les noms de lieux, origine et évolution*, Paris, Librairie Delagrave.

DEBOWIAK, Przemysław, (2009), *La Romania en noir et blanc: étude à partir des noms de lieux habités dans les pays romans et romanisés en Europe*, Kraków (tese de mestrado defendida em 2009, não publicada).

GRAUR, Alexandru, (1972), *Nume de locuri*, București, Editura Științifică.

JONASSON, Kerstin, (1994), *Le nom propre. Construction et interprétations*, Louvain-la-Neuve, Duculot.

LEITE DE VASCONCELLOS, José, (1987), *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise* (3.ª Edição por Maria Adelaide Valle Cintra), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

LIND, Ivan, (1963), *De Portugal ao Brasil. Um pequeno estudo de toponímia brasileira*, Lisboa, Casa Portuguesa.

LOPES, David, (1902), “Toponymia arabe de Portugal”, *Revue Hispanique*, tomo 9, Paris; reimprimido em: Lopes, David, (1968), *Nomes árabes de terras portuguesas* (Colectânea organizada por José Pedro Machado), Lisboa, pp. 18-38.

- MEYER-LÜBKE, Wilhelm, (1916), *Introdução ao estudo da glotologia românica* (Redacção portuguesa de António da Guerra Júdice), Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira (*Estudo dos nomes*, pp. 344-392).
- NUNES, José Joaquim, (1920), *A vegetação na toponímia portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- PIEL, Joseph Maria, (1947), “Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo”, separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. 1, tomo 1, Coimbra, pp. 153-198.
- PIEL, Joseph Maria, (1948), “As Águas na Toponímia Galego-Portuguesa”, separata do *Boletim de Filologia*, tomo 8, Lisboa, pp. 305-342.
- PIEL, Joseph Maria, (1949), “Sobre o sufixo *-ellus, -ella*, no onomástico tardio hispano-latino”, *HVMANITAS*, vol. 2, Coimbra, pp. 241-248.
- ROCA GARRIGA, Pedro, (1958), “Distribution relative des toponymes formés sur ALBUS et sur BLANK dans la Péninsule ibérique”, em: Luis Cortés, Manuel García Blanco, Antonio Tovar (ed.), *Cinquième Congrès International de Toponymie et d'Anthroponymie – Actes et Mémoires*, vol. 1, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 377-381.
- ROSTAING, Charles, (1945), *Les noms de lieux*, Paris, Presses universitaires de France.
- SAID ALI, Manuel, (1975), “Nomes de cores”, em: idem, *Investigações filológicas*, Rio de Janeiro, Lucerna, pp. 211-227.
- TEYSSIER, Paul, (1982), *História da Língua Portuguesa* (tradução: Celso Cunha), Lisboa, Sá da Costa Editora.
- TMP = SEABRA MARQUES DE AZEVEDO, Maria Luísa, (1994), *Toponímia moçárabe em Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra.

Dicionários

- ASÍN PALACIOS, Miguel, (1944), *Contribución a la toponimia árabe de España* (II edición), Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DAUZAT, Albert, ROSTAING, Charles, (1963), *Dictionnaire étymologique des noms de lieux en France*, Paris, Larousse.
- DCECH = COROMINAS, Joan, PASCUAL, José A., (1980), *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* (Tomo 1: A-CA), Madrid, Editorial Gredos.

- DE = BRUGUERA I TALLEDA, Jordi, (1996), *Diccionari etimològic* (amb la col·laboració d'Assumpta Fluvà i Figueras), Barcelona, Enciclopèdia Catalana.
- DEHF = DUBOIS, Jean, MITTERAND, Henri, DAUZAT, Albert, (1993), *Dictionnaire étymologique et historique du français*, Paris, Larousse.
- DELI = CORTELAZZO, Manlio, ZOLLI, Paolo, (1985), *Dizionario etimologico della lingua italiana* (vol. 2: D-H), Bologna, Zanichelli.
- DELP = MACHADO, José Pedro, (1952-1959), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (2 vol.), Lisboa, Confluência.
- DELR = CIORĂNESCU, Alexandru, (2007), *Dicționarul etimologic al limbii române*, București, Editura Seaculum I. O.
- DTEG = CELDRÁN, Pancrácio, (2004), *Diccionario de topónimos españoles y sus gentilicios*, Madrid, Espasa.
- MACHADO, José Pedro, (1991), *Vocabulário português de origem árabe*, Lisboa, Notícias.
- PIEL, Joseph Maria, (1936), *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.